
A PALAVRA “NÈGRE”^{*} NOS DICIONÁRIOS FRANCESES DO ANTIGO REGIME. HISTÓRIA E LEXICOGRAFIA

*Simone Delesalle
Lucette Valensi*

Resumo

Trabalhando com a palavra-entrada ‘negro’ [nègre], através de análises de enunciados e de marcas da enunciação, no discurso dos dicionários do Antigo Regime (XVI-XVIII), este artigo faz parte de um projeto maior que se propõe analisar, a partir de corpora e métodos diferentes, como se constitui o etnocentrismo europeu no momento em que se davam as grandes ‘descobertas’ e dominação de povos ‘não-europeus’.

Objeto: formas de etnocentrismo europeu

Sobre o tema da alteridade cultural, vários grupos de professores e alunos, de Paris VIII Vincennes, fizeram uma nova viagem de descoberta: a do homem branco. Com corpora diferentes e métodos de abordagem diversos, tratava-se de descrever que imagem de outro surgiu da cultura ocidental, que as representações coletivas concernem ao Índio da América, ao Negro [Noir], ao Turco, ao Mouro etc.

As páginas que se seguem são os primeiros resultados dos trabalhos de um desses grupos.¹ Seu programa não era o de escrever a história do tráfico dos Negros [Nègres] e

^{*} Vamos traduzir esta palavra por Negro acompanhada de sua forma em francês, entre colchetes, [Nègre]. Em vários casos teremos, em francês, para “negro”, a palavra “noir” e também indicaremos, nesses casos, a forma “noir” entre colchetes [noir]. Gostaríamos de ressaltar que, em português, temos um jogo complexo entre negro e preto, tendo havido, em nossa história, momentos em que um ou o outro adquiriu um maior efeito negativo, o que sugere a necessidade de um estudo desse mesmo gênero em nossos textos e dicionários. [NDT].

¹ Ainda que a redação deste artigo tenha sido assegurada por seus signatários e só engaje a elas, a análise do corpus deve bastante aos outros membros do grupo, particularmente R. Ducatez, D. Levi-Bencheton, C. Thomas.

da condição servil, nem o das sociedades africanas do século XVI ao XVIII: propúnhamos analisar como se constituía o etnocentrismo europeu, como os estereótipos concernentes ao Negro [Noir] se compunham, se conservavam e se modificavam.

Constituição do corpus: a rejeição da literatura

À questão “onde encontrar os Negros [Noirs]?” nós respondemos rejeitando a literatura. Com efeito, se entendemos por literatura o conjunto da produção escrita do Antigo Regime, e não apenas as obras classificadas então na categoria “Belles Lettres”, a operação seria desmesurada e impossível. Teríamos encontrado textos em que aparece Negro [Noir] em que seria necessário proceder a um levantamento: procedimento arbitrário, pois nossas escolhas trairiam o projeto dos autores. Além disso, “extratos” não são autônomos. Eles teriam remetido infalivelmente à obra de onde foram tirados e, então, a toda a produção do autor, depois às fontes utilizadas por este autor etc. Seriam tantas as vias de evasão, que nos teríamos distanciado do objetivo previsto e finalmente nos desgarrado.

Se tivéssemos trabalhado sobre um material pré-tratado sobre estes autores escolhidos que uma certa sociedade, em um momento dado, reconheceu e conservou, teríamos obtido um testemunho sobre aqueles mesmos que haviam feito a triagem. Por este tratamento teleológico, teríamos encontrado em Voltaire, Diderot, Rousseau etc. o que aí teríamos colocado: o progresso das Luzes, do racionalismo etc.

Ora, tratava-se de eliminar o subjetivo, o singular, o raro enquanto excedentes do saber mediano, do imaginário mediano. Ou, pelo menos, podíamos aí voltar após definirmos um perfil-tipo do Negro [Noir] na psicologia coletiva, e medir então em que os “grandes” autores se singularizavam.

A escolha dos Dicionários

Os Dicionários foram preferidos às obras literárias, inicialmente em razão do caráter separável das mensagens que os compõem. Texto fechado, que se basta a si mesmo, a entrada do dicionário se deixa esgotar.

Sobretudo, através dos Dicionários, podíamos esperar atingir os estereótipos. Porque o Dicionário se limita a registrar, ele implica a tradição, ao contrário da obra literária que

supõe criação e inovação. O Dicionário só pode ser catálogo de idéias recebidas, soma de lugares-comuns, sem deixar de cumprir sua finalidade.

Além disso, pelo jogo das múltiplas edições de dicionários, os enunciados que eles contêm, se fixam ainda mais em estereótipos: o Girard (sinônimos), Trévoux, os dicionários da Academia Francesa, fornecem uma informação repetida ao infinito. E, depois, o dicionário não é apenas o resultado de uma compilação de dados coletados em outras fontes, extrallexicográficas. Ele é também compilação de outros dicionários, e este jogo eleva ainda mais a taxa de repetição dos enunciados produzidos.

Temos o direito de postular que o leitor aceita a mensagem enviada pelo emissor? Sim, por causa do gênero ao qual pertence o dicionário. Produto didático, ele se dá como verdade. Anônimo, como o da Academia Francesa, ou trazendo a marca de universal (o “Trévoux”), ele significa o contrário da obra literária, produto de um sujeito que se desvela. Paralelamente, o dicionário instaura uma forma de comunicação que desemboca na identificação do leitor com o autor dos enunciados: o leitor que consulta um dicionário coloca uma questão e espera uma resposta sem rodeios, um texto de lei, que não sofre de debates, que interdita as dúvidas. Enfim, o dicionário pretende a exaustividade; ele totaliza o saber, ele é “tesouro” da língua e da comunidade lingüística à qual pertence o receptor.² Este não pode ser senão seu conservador (Dubois, 1970 e 1971).

Método de Trabalho

Uma vez postos os postulados, decididas as escolhas, o que íamos procurar nos Dicionários?³ De início navegamos ao léu, parando nas entradas África/Africano, Cafre/

² A leitura de Dubois 71, posterior a nossa escolha, contudo o confirmou. Ver sobretudo o capítulo XI. O dicionário é um texto cultural: “Esta cultura é feita de um conjunto de asserções sobre o homem e sobre a sociedade, asserções que tomam o valor de leis universais para a comunidade socio-cultural que formam os leitores”. É preciso no entanto lembrar a distância certa, mas impossível de medir, que existe nos séculos XVII e XVIII entre a comunidade lingüística francesa e a comunidade socio-cultural à qual os leitores de dicionários pertencem.

³ Quemada, 1968. *Les Dictionnaires du français moderne 1538 – 1863; étude sur leur histoire, leur types et leurs méthodes*, Paris, Didier, 1968. Fornece uma lista dos dicionários, classificados na ordem cronológica (pp. 567-599). As datas de edição dos volumes que consultamos – os da letra N – não correspondem sempre às datas indicadas por esta lista: daí as contradições aparentes entre suas referências e as nossas. Acrescentamos a este conjunto alguns dicionários geográficos.

Cafrerie, Congo, Etiópia/Etíope, Negritie, Negro [Noir]. Mas logo ficou claro que o signo Negro [Nègre] incluía todos os outros, e que suas ocorrências eram mais freqüentes do que os outros termos no conjunto dos dicionários.

As entradas analisadas apresentavam remissões implícitas (“escravos”, “negro” etc.) e explícitas (ver “Negritie”, por exemplo) a outras entradas. Só vamos guardar a leitura da entrada “Negro”[“Nègre”].

Uma vez coletadas as entradas “Negro” [Nègre], procedemos a uma análise interna de cada uma delas, e à classificação do seu conjunto. A historiadora, infiel à tradição de explicação do texto histórico, não se preocupou assim em verificar a exatidão das informações contidas nos dicionários, nem em fazer uma enquete sobre seus autores. Os dados externos que encontraremos mais à frente (I,1) só foram trazidos para evitar erros de interpretação ao leitor. S. Delesalle, de seu lado, fez uma pesquisa sobre os procedimentos de fabricação dos dicionários e sua função ideológica.

Nós operamos aqui nos servindo de diversos instrumentos da análise de discurso, isto é, de uma parte de análise de enunciados, de outra, da análise de marcas da enunciação, ajustando-as a um objeto particular que é o nosso, ou seja, o discurso dos dicionários de um período dado, a propósito de uma palavra dada.

Trata-se pois de uma análise contrastiva e diacrônica ao mesmo tempo, que tem as principais características seguintes:

Tecnicamente a invariante nos é dada: é a palavra-entrada, de que estudamos a definição, e o emprego em uso no curso do artigo. Dada a posição prévia de concisão e densidade dos artigos, só tivemos que usar secundariamente procedimentos de redução de enunciados em proveito da análise das técnicas mais específicas da lexicografia, isto é, dos problemas do signo e da coisa, as diversas metalínguas, as entradas etc.⁴

A comparação dos textos entre si se situa sobre vários planos (que não serão evidentemente todos tratados aqui em detalhe): comparação dos textos-fonte não lexicográficos e dos textos dos dicionários – diferentes dicionários, com todas as análises que dele decorrem: particularmente as das variantes nos copiões, da inserção dos próprios copiões no seio de um artigo.

⁴ Os conceitos de que nos servimos aqui foram expostos e explicitados em detalhe na obra de Josette Rey-Debove *Étude Sémiotique et linguistique des dictionnaires français contemporains*, Mouton, 1971.

A interpretação desses procedimentos técnicos se efetua em referência às características gerais do discurso lexicográfico (didatismo, anonimato do sujeito da enunciação etc.) e levando em conta os diversos tipos de dicionários (dicionários de língua, enciclopédicos, gerais ou especializados).

Procuramos assim seguir as paráfrases de um termo nas suas peripécias, sem reduzir suas contradições nem desfazer suas rupturas.

1 O Negro [Nègre] fora do Dicionário

1.1 As palavras e as coisas

Inicialmente, um pouco de história factual e cronológica, porque estes dados permitirão medir as distâncias entre, primeiramente, uma prática, em segundo lugar, a língua e, em terceiro, seu registro nos dicionários.

Primeiro dado: os Portugueses, que têm a prioridade das grandes descobertas,⁵ têm também a da organização do comércio dos Negros [Noirs]. Os dois fenômenos são, de resto, exatamente contemporâneos: a primeira feitoria de escravos se estabelece desde 1443. Antes do fim do século XV, os Portugueses tinham já negociado milhares de Negros [Noirs]. Enfim, a escravidão é introduzida no seu Império e no dos Espanhóis desde os primeiros anos do século XVI.

Sem serem os pioneiros neste domínio, os Franceses participam do comércio de escravos e fazem o tráfico por conta dos Espanhóis. Mas um decreto real de 1571 afirma: “A França, mãe da Liberdade, não autoriza nenhum escravo”, e uma lei confirma, em 1607, que “todas as pessoas são livres neste reino; assim que um escravo atingir suas fronteiras e for batizado ele é livre”. Entretanto, em meados do século XVIII, a exemplo dos Ibéricos, os Franceses introduzem a escravidão nas Ilhas da América. Um tráfico espontâneo funciona antes que se torne, em 1664, monopólio da Companhia das Índias Ocidentais. Após a “quebra” da Companhia, outras tomarão a tarefa desse “comércio em circuito” entre a França, a África e as Ilhas. Lê-se por exemplo em um decreto do

⁵ Podemos nos perguntar com que velocidade a informação sobre as grandes descobertas circulavam e que meio ela podia atingir. O lugar da literatura de viagens no conjunto das obras publicadas foi medida, e uma sociologia do livro e da difusão foi apresentada por L. Febvre e H.J. Martin, 1958, H.J. Martin, 1969, e na obra coletiva *Livre et société dans la France du XVIIIème siècle*, 2 vol., 1965 e 1970.

Conselho do Rei, em 1670: “Não há nada que contribua mais para o aumento das colônias e da cultura das terras que o laborioso trabalho dos Negros [Négres].” Em 1665, é publicado o Código Negro [Noir], estatuto legal da escravidão.

Ainda que o tráfico tenha uma longa história, é somente em 1675 que são publicadas as primeiras informações que o concernem. São devidas a Savary (o Perfeito Negociante), em que os redatores de dicionários vão logo se inspirar fartamente.

Na França o tráfico é abolido em 1815 e a escravidão em 1848.⁶

Alguns pontos de referência sobre a língua escrita: as primeiras traduções francesas de Ca’ de Mosto e Léon o Africano aparecem em 1556. Os sintagmas mais frequentes são então “Negros” [Noirs], “terra dos Negros” [Noirs], “Império dos Negros” [Noirs]. Se a palavra Negro [Nègre] aparece na tradução de Ca’ de Mosto, o número de suas ocorrências é muito fraco. Encontramos a palavra [Noir] [Nègre] no *Relato histórico do rico Reino do Ouro da Guiné*, publicado em 1605, em Pyrard de Laval (1615) etc. Depois, em 1650, o emprego de “Nègre” se generaliza: onde Léon o Africano dizia Noirs (Negros), o tradutor de Marmol vai preferir Nègre (Negros). Do mesmo modo, na *Descrição Geral da África* de Davity, “Nègre” substituiu “Noir”.

A entrada das palavras nos dicionários vai significar sua institucionalização ideológica, seu reconhecimento como “palavra da língua” e não mais só como palavra de um idioma especializado. Semas herdados da prática de mercado, legislativa, e a dos viajantes deverão ser confrontadas, unidas ou disjuntas, no interior dos dicionários.

1.2 Onde o Negro [Nègre] é deixado na sombra

Seja a lista dos dicionários seguintes, classificados em ordem cronológica:

1552 *Le Dictionnaire des huit languages*, Paris.

1606 Nicot, *Thresor de la langue françoise*, Paris.

1607 Oudin, *Thresor des III langues*, Genève.

1621 *Dictionnaire François-Alleman-Latin*, Genève.

1645 Montheran (Antoine de), *Synonimes et épithètes françoises*, Paris.

1666 *Dictionnaire Etymologique*, Genève.

⁶ Gaston Martin, *Histoire de l’esclavage dans les colonies françaises*, Paris, P.U.F. 1948. – C. Coquery, *La découverte de l’Afrique*, Paris, Julliard, 1965. – H. Deschamps, *Histoire de la Traite des Noirs de l’antiquité à nos jours*, Paris, Fayard, 1971.

- 1684 Furetière (Antoine), *Essais d'un dictionnaire universel*, Paris.
 Furetière (Antoine), *Dictionnaire universel*, La Haye et Rotterdam.
- 1685 Rochefort (César de), *Dictionnaire général et curieux*, Lyon.
- 1694 *Dictionnaire des Arts et des sciences par M.D.C. de l'Académie française*.
 (A entrada “nègre” corresponde a “poisson”.)
- 1694 Richelet, *Dictionnaire françois contenant généralement tous les mots, tant vieux que nouveaux...*
- 1701 Furetière, *Dictionnaire universel*, La Haye-Rotterdam.
 (“Nègre” como “poisson”.)
- 1702 Furetière, mesmo título, mesmo lugar, mesma entrada.
- 1704 *Le dictionnaire géographique...*, Rouen.
- 1706 Richelet, *Dictionnaire françois contenant généralement tous les mots...*, Paris.
- 1708 Furetière, *Dictionnaire universel*, Rotterdam. (“Nègre” como “poisson”.)
- 1709 Richelet, *Dictionnaire françois contenant généralement tous les mots...*, Paris.
- 1718 Girard (Abbé), *La justesse de la langue française*, Paris.
- 1720 Bayle, *Dictionnaire historique et critique*.
- 1731 *Le Dictionnaire des Arts et des sciences de l'Académie Française*, Paris.
 (“Nègre” como “poisson”.)
- 1740 *Dictionnaire de l'Académie Française*, Paris.
- 1769 Girard, (Abbé), *Synonimes françois...*, Paris.

Todos estes dicionários não têm entradas para Negro [Nègre] ou então registram a palavra Negro [Nègre] que significa peixe.

Primeira interpretação, de ordem cronológica: nas datas em que são publicados estes dicionários, a palavra não pertence à competência comum. Esta explicação, plausível para os primeiros, deixa de sê-lo na segunda metade do século XVIII. Aliás, notamos uma anomalia no Furetière, 1684: na entrada escravo pode-se ler “Faz-se na América um grande tráfico de *escravos* Negros [Nègres]...”. Falta assim uma entrada pois, em princípio, toda palavra empregada no dicionário deve ser objeto de um artigo.

Segunda explicação, de ordem técnica: os dicionários de língua não retêm os nomes de “povos”. Esta hipótese deve ser rejeitada pelos dicionários geográficos (o de 1704) e pelos que têm, por exemplo, uma entrada “Mouresco” ou “Mourisco” e não deixam um

lugar para Negros [Noirs]. Enfim, no conjunto desses dicionários o termo “Negro” [Noir] não tem uma acepção geográfica ou étnica.⁷

Então, apesar das grandes descobertas, os redatores de dicionários desconhecem a África, e seus habitantes e o tráfico de que eles são vítimas. Enquanto que “Negro” [Nègre] existe como coisa e como palavra em uso, é ocultado como palavra em menção. Trata-se aí não de uma ausência fortuita e inocente, mas de um ato de censura que trai o embaraço resultante da existência dos Negros [Nègres] como povos e como escravos.

A presença da entrada “negro” [nègre] como peixe não parece, ela tampouco, acidental. Esta curiosidade gastronômica que os destinatários do discurso não terão jamais ocasião de ver ou de saborear está, no entanto, pelo seu registro nos dicionários, integrada à competência comum. Ela permite – esperando sua evacuação dos dicionários de 1752 – diferir, depois de velar, o aparecimento de Negro [Nègre] como escravo.

2 Entradas Monossêmicas: escurecer o Negro [Noir], branquear o Branco

Quando enfim o Negro [Nègre] aparece nos dicionários, entra nos dois tipos de discurso: um, em que se encontra o sema de escravo, outro, em que o sema é povo. Depois os dois semas se desenvolvem juntos e se combinam segundo modalidades diversas.

2.1 Um signo, um conteúdo. Entradas monossêmicas: Negro [Nègre] = povo

Dois dicionários pertencem a uma família reduzida em que Negro [Nègre] = povo.

NEGROS [NÈGRES], povo da África, Hi Nigrítæ, arum. Hi nigrítes, um. Hi Aethyopes, um. (1671 Pomey Dictionnaire royal augmenté, Lyon).

Este texto elide totalmente o problema do tráfico; as entradas escravidão, escravo, tráfico, não fornecem nada concernente a Negros [Noirs]. Remete, não à observação ou a uma prática, mas a um saber herdado da Antiguidade (Negros [Nègres] = Aethiopes). Nesse sentido, ele se liga aos dicionários em que Negro [Nègre] não aparecia, mas onde figuravam Etfope ou Mouro (os primeiros, sexto e décimo terceiro da lista apresentada), o primeiro termo remetendo a Heródoto e à Bíblia, o segundo à Maurítânia ou, mais recentemente, à reconquista. Esta visão do Africano, anterior e indiferente às grandes descobertas, se reencontrará nos dicionários mais tardios. O *Dictionnaire des synonymes*

⁷ No *Dictionnaire* de l'Académie, esta acepção só aparece na edição de 1772.

françois de 1767 dará, por exemplo: Negro [Nègre], s.m. Etíope, negro [noir], escravo negro [noir], mouro.

NEGROS[NÈGRES], povos da África, cujo país se estende dos dois lados do rio Niger, entre o Saara e a Guiné. Os mais ricos são chamados Geneoa pelos árabes, porque traficam com os Mercadores que vão ao Levante e aí chega um grande número de pessoas da Barbária. O comércio dos Portugueses é causa de que aqueles que habitam ao longo do Oceano são civilizados, e que vários abraçaram o Cristianismo. Aqueles de dentro do país, que os árabes denominam Povos do Zinco, são na maior parte brutais e ferozes. Ver “Nigritie”. (1708 Corneille (Thomas), *Dictionnaire universel géographique et historique*, Paris.)

O texto começa com uma divisão geográfica do continente africano segundo o eixo do rio Niger, divisão que não é funcional na seqüência da mensagem: esta explícita com efeito o plural Negros [Nègres] = Povos em três partes contendo, cada uma, indicações sobre o lugar, as atividades de relações e os efeitos dessas relações. Funciona aí uma primeira oposição, que corresponde a uma partição do espaço entre um dentro isolado e um fora relacionado. Mas o fora se desdobra, por sua vez. Porque na série de verbos (ou de sua nominalização) que exprimem o comércio, segundo os dicionários contemporâneos de Thomas Corneille, aparece uma gradação entre comerciar, negociar e traficar. O primeiro é neutro, o segundo é afetado por uma conotação pejorativa e, o terceiro, é afetado ainda mais. Aqui, o primeiro é empregado para designar as relações com os Portugueses. Muito longe de ser neutro, ele é valorativo, pois é *causa de que* os Negros [Nègres] são civilizados e mesmo cristãos. Ao contrário, traficar é empregado para relações com pessoas de Barbária e do Levante e o resultado dessas relações se lê: os mais ricos (ver esquema).

	<div style="display: flex; justify-content: space-between; width: 100%;"> Dentro Fora </div>		
Localização	Os de dentro do país	aí afluem	ao longo do Oceano
Nome	Povos do Zinco	Geneoa	?
Relações	{0}	traficam	comércio
Com	{0}	Mercadores Que vão ao Levante; Pessoas de Barbária	Portugueses
Predicado	Ferozes, brutais	os mais ricos	civilizados, cristãos

2.2 Entradas monossêmicas: Negro [Nègre] = escravo negro [noir]

Em uma segunda família de dicionários, Negros [Nègres] = escravos negros. Várias obras aí se juntam e em particular os dois dicionários de palavras – o da Academia francesa e o de Richelet – mesmo em suas edições tardias, enquanto, nos outros, se fazia a junção dos semas.

NEGRO [NÈGRE], s.m. Peixe que se pesca nos rochedos das costas da América. Chama-se negro [nègre] porque tem a cabeça negra [noir]. Parece com a tenca. Tem um gosto muito bom.

Negro [Nègre], se diz também dos escravos que se tiram da costa da África e que se vendem nas Ilhas da América para a cultura do país e na terra firme para trabalharem nas minas, engenhos de açúcar etc. *Negrita*. (1704 Trévoux, *Dictionnaire universel françois et latin*)

Temos aqui a homonímia entre dois signos (peixe – escravos). Mas para o segundo o dicionário utiliza uma metalíngua de signo: “se diz também de.” O segundo sema intervém pois em uma relação de dependência – como dá aliás provas a tipografia – em relação ao termo primeiro, peixe.

Por outro lado, a marca de enunciação (tiram-se, vendem-se) permite não nomear o agente, mascarar o tráfico.

Enfim, é preciso observar a simetria dos dois enunciados: Negro [Nègre] – peixe e Negro [Nègre] – escravo pertencem os dois à classe de animados úteis, um e outro são produtos da pesca, o primeiro como animal comestível, o segundo como animal doméstico. A simetria dos enunciados acaba pois por acrescentar à homonímia e à homografia uma homologia semântica.

NEGRO [NÈGRE], s.m. Peixe que se pesca nos rochedos nas costas da América. Chama-se assim porque tem a cabeça negra.

NEGRO [NÈGRE], s.m. Escravos negros que se tiram da costa da África e que se vendem nas Ilhas da América para a cultura do país e na Terra Firme para trabalharem nas minas e nos engenhos de açúcar. (1719, 1728, 1732 Richelet, *Dictionnaire françois contenant généralement tous les mots...*).

A entrada Negro [Nègre] dessas três edições do dicionário de Richelet lembra a de Trévoux, o que ilustra bem os procedimentos de replicação empregados nos dicionários. Aqui, entretanto, se acrescenta uma marca descritiva, *negros [noirs]*, e sobretudo Negro [Nègre] como escravo é objeto de uma definição em metalíngua de conteúdo. Mas, por

sua posição e pela tipografia, a relação de dependência em relação ao sentido primeiro, peixe, é conservada.⁸

NEGRO [NÈGRE], adj.m.e f. Escravo negro que se tira da costa da África e que se vende nas Ilhas da América para a cultura do país e em Terra Firme para trabalhar nas minas e nos engenhos de açúcar etc. O comércio de *Negros* [*Nègres*] se faz para todas as nações que têm estabelecimentos nas Índias Ocidentais. Esses escravos são feitos de várias maneiras; uns, para evitarem a fome, se vendem a si próprios, a suas crianças e suas mulheres. Outros são prisioneiros feitos em guerra. Há Negros [Nègres] que se apoderam uns dos outros enquanto os navios da Europa estão ancorados aí levando os que pegaram para vendê-los e embarcá-los *apesar deles* mesmos. É difícil justificar completamente o comércio de Negros [Nègres].

Há em Lovango homens brancos que vêm de um pai e de uma mãe negra [nègre], e isto incomoda os eruditos, de quem se podem ver os diferentes sentimentos na África de Dapper. Os Negros [Nègres] olham esses homens brancos como monstros e não permitem que eles se multipliquem. (1727 Furetière, *Dictionnaire universel*).

A entrada começa como as precedentes: mesma mensagem, mesmo apagamento das marcas de enunciação. Mas o artigo se prolonga por três desenvolvimentos sobre, primeiro, o comércio de Negros [Nègres]; segundo, a produção dos escravos; e terceiro os negros [nègres] brancos. O agente do comércio não é designado (se), depois é dado sob o nome genérico de nação, sem outra especificação. Esta virá mais longe, com a evocação dos navios da Europa, mas fará dos Europeus comparsas mudos de um comércio em que os atores são os Negros [Noirs].

Com efeito *o Negro* [*Nègre*] *produz o Negro* [*Nègre*].⁹ Quanto à justificativa (“é difícil justificar...”) ela já foi fornecida para cima pois a escravidão é produzida pelos Negros [Nègres] eles mesmos; e ela o será ainda para baixo pois o Negro [Nègre] se produz como monstro face à cor destruindo os Brancos nascidos de pais negros [nègres].

Toda a mensagem termina em embranquecer o Branco e escurecer o Negro [Noir]. Ora, é preciso observar que ela é extraída do dicionário de Savary, que leremos mais adiante, na qual ele entrava em um sistema de conteúdo em que aparecem “Povo” e “escravo”; aqui o sema povo é abandonado em proveito somente do sema “escravo”.

⁸ A monossímia é conservada nas edições seguintes: 1756, *Dictionnaire portatif de la langue française extrait du grand dictionnaire de Pierre Richelet*: “Negro [Nègre], s. m. Escravo negro que se tira das costas da África.” Mesmo texto em 1774. Enfim em 1775 se acrescenta “*Tratar alguém como um Negro* [*Nègre*], *como um escravo*”.

⁹ Ver mais longe a análise das formas verbais em Savary, retomadas por Furetière.

NEGRO [NÈGRE], A s. Esse nome não se coloca aqui de forma alguma como um nome de Nação, mas somente porque ele entra nessa forma de falar, *Tratar alguém como um negro [nègre]*, para dizer *Tratar alguém como um escravo*. 1772 *Dictionnaire des Arts et des Sciences por M.D.C. da Academia Francesa*.

NEGRO [NÈGRE], A s. É o nome que se dá em geral a todos os escravos negros empregados nos trabalhos das colônias. *Ele tem cem negros [nègres] em sua casa. O tráfico dos Negros [Nègres]*.

Diz-se familiarmente, *Tratar alguém como um Negro [Nègre]*, para dizer tratar alguém com bastante dureza e desprezo. (Edição de 1776: mesmo texto. Edições de 1798, 1811, 1814, 1825).

O caso do *Dicionário* da Academia é bastante admirável porque se podem aí ver as particularidades que se prendem a suas características de puro dicionário de língua desempenhar um papel determinante na cegueira ideológica. De um lado, é o último a registrar a entrada Negro [Nègre] = homem. É somente em 1798 que define os Negros [Nègres] como escravos. Em 1772 e 1776, a palavra Nação só é escrita para ser negada, e a palavra escravo só é visada em seu valor idiomático e não como uma definição. Está escrito a propósito dos Brancos (Tratar alguém como...). Há pois dupla recusa de confronto dos semas povo e escravo. Nada é explicado ou definido. *O Negro [Nègre] só existe em nossa forma de nos tratarmos*. Aqui a metalíngua do signo, levada ao extremo, preenche uma função clara: recusar a ordem das coisas, a do povo e a da escravidão.

A edição de 1798 confirma as precedentes e conserva uma monossímia perfeitamente pacífica.

Dessas duas séries monossêmicas resulta que o Branco aparece onde não o esperamos (a propósito do Negro [Nègre] como povo, um outro termo é definido, o Português, civilizado, civilizador) e é apagado onde o esperamos (escravo supõe um produtor e um consumidor de escravos: o produtor é o Negro [Nègre] e o consumidor é mascarado pela fórmulas anônimas, *se, nações*). O Europeu é simples receptor, até mesmo simples recipiente (*navios*).

3 Do “Perfeito Negociante” à “Enciclopédia”: organização do discurso lexicográfico

3.1 Um signo, um conteúdo com múltiplas apelações: polissemia e sinonímia

O texto de Savary (1723 Savary *Dictionnaire universel de commerce*) é interessante para se estudar em detalhe porque é um dos primeiros em que aparece a mistura de semas e ilustra uma das técnicas lexicográficas empregadas para mostrar a necessidade

de relacionar esses dois semas (povos e escravos, que remetem a geografia e a comércio) e, ao mesmo tempo, para mascarar ou anular os problemas que esta junção coloca. Tudo se passa como se o confronto dos dois semas se tornasse ao mesmo tempo inevitável, desde a entrada da palavra no dicionário, e intolerável (como se pode fazer coincidir povo e escravos com homens?).

Este texto é igualmente importante porque foi copiado por numerosos dicionários (gerais, históricos, geográficos e a *Enciclopédia*). O Dicionário de Savary, além do mais, é um sucesso de publicação do século XVIII (Brancolini e Bouyssy, in *Livre et Société*, 1970). Enfim, aí vemos muito claramente a fabricação de um discurso lexicográfico a partir de fontes que não são lexicográficas, com as transformações textuais características do gênero: nominalizações, simetrias, alongamento dos enunciados, apagamento da maior parte das marcas de enunciação etc.

NEGROS [NÈGRES]. Povos da África cujo país tem sua extensão dos dois lados do rio Niger. Chamamos Nigritie esta grande Região que eles habitam, que tem mais de oitocentas léguas de costas, e que se estende por mais de cinco léguas de terras. É incerto se esses povos comunicaram seu nome ao país tanto quanto ao rio que os banha. [Na edição de 1742 se intercala aqui um parágrafo sobre a causa da negritude dos Negros [Nègres]].

Os Europeus fazem desde alguns séculos comércio desses infelizes escravos, que eles tiram da Guiné e de outros Lugares da África para sustentar as colônias que eles estabeleceram em vários lugares da América e nas Ilhas Antilhas.

É difícil justificar de fato o comércio dos Negros [Nègres]; entretanto, é verdade que como estes miseráveis Escravos encontram geralmente sua salvação na perda de sua liberdade e na razão da instrução cristã que lhes damos, junto à necessidade indispensável que temos deles para as culturas do açúcar, do tabaco, do índigo etc., adoçam o que parece inumano em um negócio em que homens são os Mercadores de outros homens, e os compram do mesmo modo que animais para cultivar suas terras.

O comércio dos Negros [Nègres] é feito por todas as Nações que têm estabelecimentos nas Índias Ocidentais, e particularmente pelos Franceses, Ingleses, Portugueses, Holandeses, Suecos e Dinamarqueses.

Face aos espanhóis, ainda que eles sejam os que melhor estão estabelecidos nesta vasta parte do mundo que descobriram primeiro, e de que foram também os primeiros Conquistadores, e que não usam o Negro [Nègre] à primeira mão, são as outras Nações que fazem tratados com eles para lhes fornecerem como fizeram por longo tempo a Companhia das Grilles estabelecida em Gênova, a de Assiente na França e, presentemente, a Companhia do Sul na Inglaterra, desde a Paz de Utrecht em 1713, que pôs fim à guerra para a sucessão da Espanha [segue-se uma passagem sobre o papel dos franceses nas grandes descobertas e sobre as Companhias de comércio].

Os melhores Negros [Nègres] são tirados de Cabo Verde, do reino de Jallofes, do de Galland, de Damel, (ou Damoë) do rio de Gâmbia, de Majugard, de Bar etc.

Um Negro [Nègre] peça da Índia (como se os nomeia) de 17 ou 18 anos até 30 anos, não custava antigamente mais que trinta ou 32 libras em mercadorias próprias ao País, que são bebida, ferro, tecido, papel, massas ou miçangas de todas as cores, chaleiras e bacias de cobre e outras coisas semelhantes que estes Povos consideram muito. Mas desde que os Europeus se lançaram, por assim dizer, uns sobre os outros, estes Bárbaros souberam aproveitar de seus ciúmes, e é raro que se trafique ainda belos negros [nègres] por 60 libras, a Companhia da Assiente comprando por até 100 libras a peça.

Esses escravos são feitos de várias maneiras: uns para evitar a fome, se vendem a si próprios, suas crianças e mulheres aos Reis e aos mais poderosos entre os que têm com que lhes alimentar; porque, mesmo se eles vivem com pouco, a esterilidade é algumas vezes tão extraordinária na África, sobretudo quando passou alguma nuvem de gafanhotos, que é uma praga bastante comum que não se pode fazer nenhuma colheita nem de milho nem de arroz, nem de outros legumes com os quais eles estão habituados para sobreviver.

Os outros são os Prisioneiros feitos em guerra e nas incursões que esses pequenos reizinhos fazem nas terras de seus vizinhos, freqüentemente sem outras razões senão a de fazer escravos, que trazem jovens, velhos, mulheres, moças, até crianças de peito.

Há Negros [Nègres] que se surpreendem uns aos outros, enquanto os navios da Europa estão ancorados, trazendo aqueles que eles prenderam para aí venderem e embarcar apesar deles mesmos, e não é novidade ver filhos venderem desse modo seus infelizes pais, pais venderem seus filhos e, ainda mais freqüente, os que não estão ligados por nenhum parentesco colocar a liberdade a preço por algumas garrafas de bebida ou por uma barra de ferro.

Os que fazem este negócio, além dos víveres para a tripulação do navio, levam grãos de cereais, feijões brancos e cinzas, favas, vinagre e bebida para a alimentação dos Negros [Nègres] que eles esperam ter em seu tráfico.

Tão logo o tráfico acaba, não se pode perder tempo para levantar velas, pois a experiência ensinou que enquanto esses miseráveis estão ainda à vista de sua pátria, a tristeza ou o desespero os toma, sendo uma das causas de doença que faz morrer boa parte durante a travessia; e, de outro lado, fazendo com que eles tirem a própria vida, seja porque recusam a comida, seja cortando a respiração por um maneira que eles sabem de se dobrarem e virar a língua que rapidamente os sufoca, seja enfim arrebatando a cabeça contra o navio, ou se precipitando ao mar se encontram ocasião.

Esses excessos de amor pela pátria parecem diminuir à medida em que eles se distanciam dela, a alegria mesmo os tomando, e é um segredo quase infalível para lhes inspirar e para os conservar até o lugar de destino, lhes fazer ouvir instrumentos de música, seja mesmo qualquer sanfona ou gaita.

Na chegada da Ilha, cada cabeça de Negro [Nègre] se vende por desde trezentas até quinhentas libras, segundo sua juventude, vigor, saúde; não comumente em dinheiro mas em mercadorias da produção do País. Veja Assiente.

Esses Negros [Nègres] são a principal riqueza dos Habitantes das ilhas; quem teve uma dúzia deles pode ser considerado rico. Como eles se multiplicam muito nos países quentes, seus Mestres, por menos que os tratem com doçura, vêem crescer insensivelmente esta família de Negros e aumentar ao mesmo tempo o número de escravos, sendo a escravidão hereditária entre estes miseráveis.

É verdade que, às vezes, é perigoso ser muito indulgente com eles, sendo de um duro natural, intratáveis e incapazes de serem ganhos pela doçura; mas é preciso evitar os dois extremos; um castigo moderado os torna flexíveis e os anima em seu trabalho, e ao contrário, muita dureza os desgostam e, em seu desespero, eles se lançam entre os Negros [Nègres] marrons ou Selvagens que se mantêm em lugares inacessíveis das Ilhas onde levam uma vida miserável mas mais a seu gosto porque são livres. Veja Código Negro [Noir].

1726,1742, mesmo texto.

Não se trata, neste artigo, de analisar todo o texto; queremos somente confrontar seus três primeiros parágrafos (definição e justificação do comércio) com os empregos da palavra Negro [Nègre] e de seus substitutos no resto do artigo.

O primeiro parágrafo contém uma definição de Negro [Nègre] por Povos e indicações geográficas. Guardamos o interesse que apresenta um início desse tipo em uma obra consagrada ao comércio, se o comparamos com um de seus textos fonte, *Le Parfait Négociant*, onde podemos ler: “além das mercadorias acima mencionadas, de que se faz comércio em todas as Ilhas francesas da América, também aí se levam negros [nègres]...”. A má consciência está aqui pois manifestada na própria impossibilidade de definir em um Dicionário uma palavra-entrada Negro [Nègre] para “Mercadoria ...”.

Mas esta definição não tem nenhuma posteridade na seqüência do artigo: a palavra *povo* aí não aparece com efeito senão uma vez e no sentido de “parceiros comerciais”. O desenvolvimento do texto se efetua a partir dos termos que aparecem no segundo parágrafo: “esses infelizes escravos”. Duas forças em sentido contrário se exercem desde esse momento: de um lado, o tráfico que constituímos em problema, cf. a marca de enunciação (infelizes), que vai junto com a preocupação em apresentar os Negros [Nègres] como povos; de outro, uma força de mascaramento: os termos povos e escravos não estão em oposição, mas entram com Negro [Nègre] em uma série de sinonímia como o mostra o determinante “estes”. Em outras palavras, a entrada não é considerada como um signo polissêmico (comparemos a diferença que se instituiria se tivéssemos, depois de povos, sinônimos como “um comércio de escravos”, ou “os Europeus reduzem estes povos à escravidão etc.”). A sintaxe anula pois o que poderia aparecer como um confronto no plano do léxico: os Negros [Nègres] são povos e são escravos. O signo remete pois a um mesmo conteúdo que pode ser diversamente nomeado. Ora, esta sinonímia é evidentemente insustentável, de onde o aparecimento no corpo do texto de outros artificios.

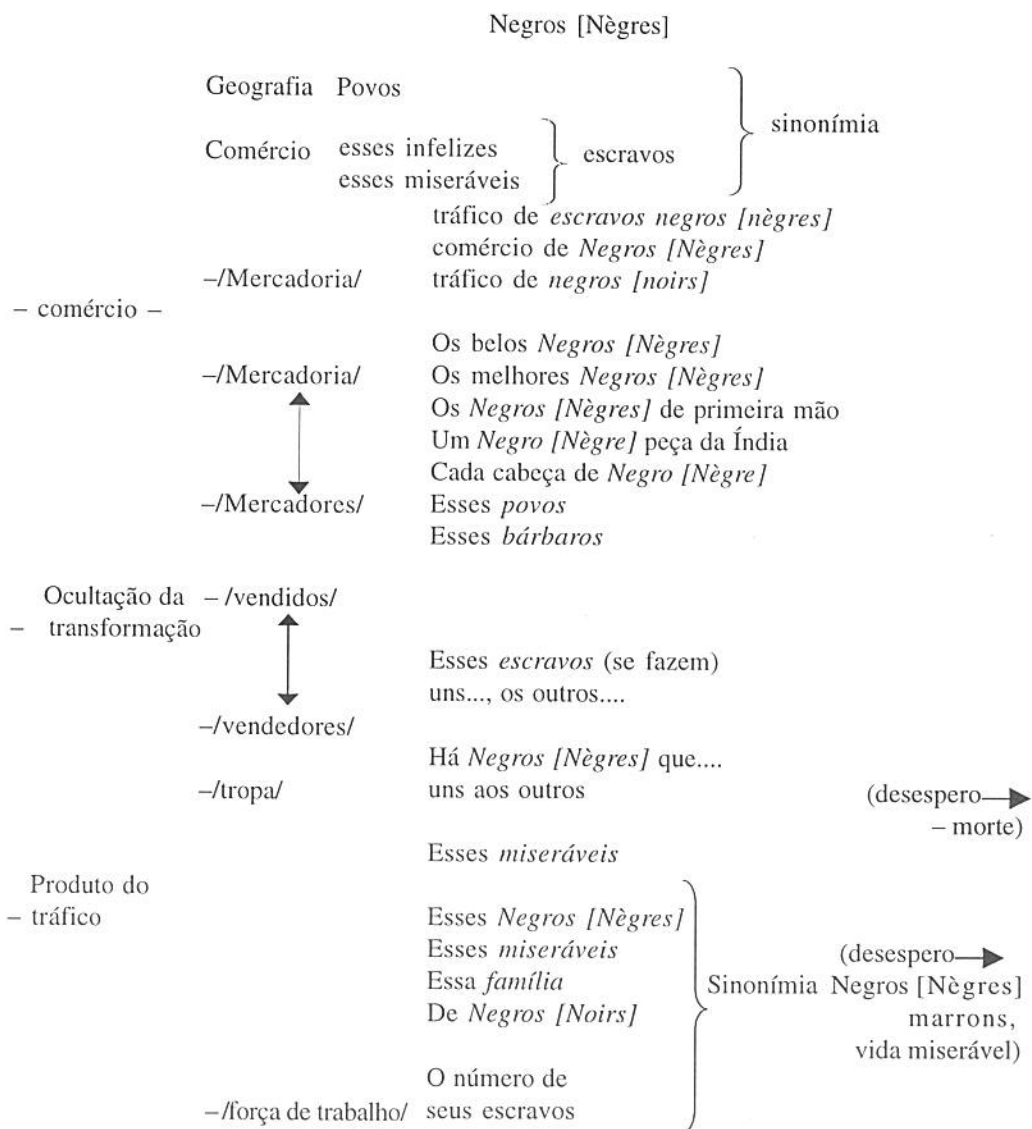
O conjunto desse parágrafo é aliás revelador dessas forças contraditórias: aí encontramos com efeito uma longa frase de justificação, inscrita entre duas marcas de enunciação: piedade (“esses miseráveis escravos”) e indignação (“os comprem como animais”). Ora, as lamentações que parecem se expressar através do rigor e da medida do raciocínio abstrato e da retórica didática são singularmente atenuados se referimos ao texto-fonte e ao resto do artigo:

As transformações textuais fizeram desaparecer os “mercadores cristãos” nomeados em *Le Parfait Negociant* em proveito de um “se” (“a gente”) que incomoda menos, assim como a noção de benefícios (“comércio vantajoso”) que eles tiraram do tráfico. As nominalizações dão ao texto uma verdade intemporal e universal, que inscreve na mesma situação de necessidade o “se” que deve cultivar a terra e os “miseráveis escravos” que encontram sua salvação no seu destino, enquanto estão estreitamente coordenadas, necessidade, do lado dos colonos (necessidade), e, benefícios, do lado dos escravos (instrução cristã).

Esses apagamentos e reversões se integram em uma organização de anulação da má consciência, de que podemos apreender a força apenas após uma análise do conjunto do texto: longe de ter uma simples função de distanciamento em relação ao tráfico – necessária antes de passar às coisas sérias, isto é, às informações comerciais – este parágrafo constitui, através de seu didatismo, uma verdadeira arma.

Encontramos na seqüência do texto a série sinonímica que estava colocada no início, aumentada de outros termos sempre ligados por “estes”: “estes povos”, “estes bárbaros”, “estes miseráveis”, “estes escravos”, “estes negros [nègres]”..., ou entrando nas construções equivalentes: “comércio de negros [nègres]”, “tráfico de negros [nègres]”. O corolário desta sinonímia é a polissemia sintagmática que se liga aos termos principais, quando da repartição – na medida em que se desenvolve o processo comercial – dos semas /mercador/, /mercadoria/, /força de trabalho/.

Melhor dizer que o artigo é construído sobre uma rede de contradições e de ambigüidades, na medida em que cada termo pode recobrir diferentes semas e vice-versa. É isto que quisemos colocar em evidência no quadro que apresentamos a seguir.



De uma maneira geral, vemos que o texto tende não apenas a embranquecer o branco, mas mesmo a apagá-lo completamente, e a escurecer o negro [noir]; e isto por uma espécie de demonstração que não aparece jamais como tal, mas se organiza por meio de um discurso aparentemente técnico e cronologicamente descritivo. As marcas de piedade e de indignação em face do tráfico, que se encontravam no parágrafo de justificativa, vão assim se encontrar anulados por uma sutil transferência da piedade, que passa de piedade em face de um estado a piedade em face de uma natureza, e uma viravolta da indignação que não é mais excitada pela conduta dos Europeus, mas pela dos Negros [Nègres].

Assim há um jogo diferente da sinonímia e da polissemia sintagmática nas diferentes etapas do texto: quando se trata do comércio em geral Negro [Nègre] /objeto/ tem como substituto “escravos negros [nègres]” e “negros” [noirs]. (Mas, notemos, não encontramos “negros [nègres] escravos”, que poderia indicar que se poderia ser negro [nègre] sem ser escravo). E, no fim do texto, os Negros [Nègres] enquanto força de trabalho nas Ilhas são designados tanto por “estes negros [nègres]” que por “estes miseráveis”, “...negros” [noirs], ou “...escravos”. Em cada extremidade, está pois assegurada a fusão dos semas.

Acontece de modo diferente no meio do texto, nas duas passagens que concernem aos detalhes da troca (preço, mercadoria), e ao próprio momento da constituição do Negro [Nègre] como escravo. O primeiro elemento notável é a substituição da compra pela venda, o que faz desaparecerem os Europeus (não ficam senão seus navios ancorados); por outro lado, assistimos a um deslizamento de semas: “Povos” passa de /geografia/ a /mercado/: (“estes povos estimam”). Assim temos um primeiro sistema de venda em que “Negro” [Nègre] (e suas expansões “belos”, “melhores” etc.) é utilizado no sentido de /mercadoria/, em face dos /mercadores/ que são “esses povos”, depois “bárbaros” (a passagem de povos a bárbaros é interessante por causa da marca de indignação e da passagem de um plural coletivo a um plural de indivíduos: esses dois pontos serão utilizados em seguida). Não importa como, os Negros [Nègres] (que se chamem de um modo ou outro) estão sòzinhos na cena: eles vão estar ainda mais nos parágrafos seguintes, em que se constitui um segundo sistema de venda, que redobra o primeiro desdobrando-se a si mesmo, isto é, ao mesmo tempo assegura a sinonímia entre “Negros” [Nègres] e “bárbaros” e mascara a transformação do Negro [Nègre] em escravo.

	Isto opera em dois tempos: 1.	{ “este comércio se faz...”
		sentido passivo { “estes escravos se fazem...”
pronominal:	sentido reflexivo	“uns se vendem...”
passivo:		“outros são prisioneiros feitos em guerra”
pronomial:	sentido recíproco	2. “Há negros [nègres] que se apoderam uns dos outros”
ativo:	sentido recíproco	“(os vemos) colocar a liberdade de uns aos outros à venda...”

O que se passa através dessa simetria, e esse jogo de ser e fazer? Os escravos são escravos. Eles são miseráveis por destino e em seu próprio país. Os Negros [Nègres] são bárbaros que se vendem entre si, aí compreendidas suas famílias,¹⁰ sem respeito da liberdade dos outros. A piedade pode assim ir para uns e a indignação para os outros sem que os Europeus estejam metidos nisso, e sem que (cf. o jogo refinado dos reflexivos e recíprocos) uns tenham a ver com os outros: as partições não são operadas entre os Negros [Nègres] e os escravos, mas no interior de cada termo. Porque – e é aí que a força do texto aparece ligada a suas incoerências – tratam-se sempre dos mesmos, quer eles apareçam sob a forma de objetos ou sob a forma de vendedores: atrás das contradições entre os termos e os semas se afirma a ligação da maldade e da infelicidade, da miséria e da barbárie. A prova é o qualitativo “intratáveis” que se aplica, no fim do texto, aos escravos que trabalham nas Ilhas.

Finalmente todas as contradições do texto reforçam a ligação dos semas: acusar os Negros [Nègres] de pisotear a liberdade de outrem, mostrá-los em um estado de miséria que os força a se venderem e dizer que eles preferem à sua servidão (supostamente sua salvação) uma vida “miserável... mas livre” é contraditório, como o é a afirmação do benefício que constitui para eles a religião cristã, junto àquela de seu caráter intratável. Mas pouco importa: esse jogo de incoerências se liga ao das ambigüidades e esclarece singularmente certas fórmulas do parágrafo de justificativa que não eram apenas retóricas:

Vemos assim que “salvação”, já ambígua pois se coloca neste mundo ou no outro, se desdobra ainda em seu sentido terrestre entre o fato de escapar à fome e de escapar aos outros Negros [Nègres]. Compreendemos por outro lado que os homens mercadores de outros homens são não apenas os Europeus mas sobretudo Negros [Nègres]. O que dá

¹⁰ Enquanto que na escravidão se vêem crescer as “famílias de Negros [Noirs]”.

uma conotação particular ao termo “miserável” que encontramos ao longo de todo o texto e quase um duplo sentido na expressão inicial: “o comércio dos Negros [Nègres].”

Esse texto traz pois todas as palavras que poderiam colocar o problema do tráfico mas anula este problema pela organização de seu discurso, entre outros, graças ao emprego da sinonímia (ao invés da polissemia), e de pseudopartições entre os indivíduos; o que podemos resumir pelas frases de base:

“Os Negros [Nègres] são povos e escravos.”

“Os escravos se vendem, escravos são vendidos.”

“Os Negros [Nègres] vendem Negros [Nègres].”

Encontramos aliás outros procedimentos cuja função contudo é a mesma: mostrar que se os Negros [Nègres] são como os Europeus, eles são piores que eles. E que se eles são escravos, é porque eles não são como os Europeus.

3.2 Pluralidade de signos: Polissemia e homonímia. O “Dicionário” de Trévoux

Negro, [Nègre], a. s. m. e f. Nome próprio de povo habitante originário de Nigritie. Aethiopie, Niger, Nigra, Nigrita. O nome de Negro [Nègre] não é hoje sinônimo de Etíope como poderia ser falando da Antiguidade. O Etíope não se estende tanto quanto a Nigritie. Só chamamos Etíopes os povos que estão no sul do Egito e, no Levante, Negros [Nègres]. Os Negros [Nègres] vendem aos Espanhóis, aos Portugueses e aos Holandeses não somente aqueles seus vizinhos que eles podem agarrar mas às vezes suas próprias mulheres e suas crianças. Eles são mais negros sobretudo na região do sul do Niger do que ao Norte; eles passam por robustos, mas ignorantes, covardes e preguiçosos, e menos cruéis que os povos da Barbária, de Bidulgerid e do Zaara. A maior parte segue o Maometismo e os outros são Pagãos; há mesmo aqueles que não têm nenhum sentimento religioso. No Peru, é expressamente proibido aos Negros [Noirs] e às Negras [Nègresses] de ter alguma comunicação pessoal com os Índios e as Índias sob pena aos machos de serem mutilados das partes naturais e às Negras [Nègresses] de serem rigorosamente fustigadas. Frezier.

A Ilha dos Negros [Nègres]. É o nome de uma das Filipinas. Nigrorum Insula.

O País dos Negros [Nègres]. Ver Nigritie.

Negro [Nègre], Peixe... (ver acima).

Negron, s. m. ver Negore.

Negro [Nègre], se diz também de seus escravos negros que se tiram da costa da África e que se vendem nas Ilhas da América para a cultura do país e na terra firme para trabalhar nas minas, nos engenhos de açúcar etc. (1728 Trévoux, *Dictionnaire Universel* (1732 e 1740: novas edições, mesmos textos.)

Aqui encontramos várias entradas para Negro [Nègre], sendo que a primeira propõe a equivalência Negro [Nègre] = povo, a última conserva a mensagem da edição mais antiga: Negro [Nègre] = escravo. Os dois signos estão separados por toda uma série de

entradas e é evitada qualquer remissão explícita de uma a outra. Trata-se pois de homonímia mais do que de polissemia. Uma prova disso aliás é a separação das duas entradas pela entrada peixe.

Como povos, os Negros [Nègres] não têm outra atividade senão a de vender seus vizinhos e seus próximos, enquanto Espanhóis, Holandeses e Portugueses são simples receptores. Quanto aos Franceses, eles são pura e simplesmente esquecidos.

Os predicados que afetam os Negros [Nègres] são todos pejorativos: “ignorantes”, “covardes”, “preguiçosos”, “menos ferozes que”, “maometanos” e sem nenhum sentimento de religião. Um só é positivo: “robusto”, qualidade sem a qual não se compreenderia a escravidão. Enfim, a marca descritiva “negros” [noirs] parece neutra; mas a análise da entrada “negro” [noirs] no mesmo dicionário não deixa nenhuma dúvida sobre o valor dessa não-cor. Trévoux dá “sombrio, obscuro, lívido, mortício, sinônimo de emporcalhado, horroroso, odioso, triste, sombrio” etc.

O dispositivo de separação dos semas povos e escravos é conservado nas edições posteriores (1748 e 1752). Uma nova entrada é acrescentada, no fim, contendo uma condenação dos maus tratamentos recebidos pelos escravos; mas a propósito de uma expressão idiomática (cf. o *Dicionário* da Academia):

Negro [Nègre], se emprega também nessa frase trivial, *foi tratado como um negro[nègre]*, para dizer que foi muito maltratado, seja com palavras ou golpes; porque com efeito a maior parte dos senhores tratam seus Negros [Nègres] muito duramente.

É interessante constatar que a homonímia não pode se sustentar (não mais do que a sinonímia no caso de Savary), e que uma ligação dos semas povos e escravos aparece de maneira subjacente, no fim do artigo que corresponde à primeira entrada, pois aí se vêm os Negros [Nègres] no Peru, sem que se saiba nem quem os transportou nem quem os impediu de terem relações com os Índios, nem quem os mutila e os fustiga (cf. o passivo e a forma impessoal).

3.3 Combinação dos modelos precedentes: jogo sobre a homonímia e a polissemia

A *Enciclopédia*

Só podemos comentar brevemente aqui o longo texto da *Enciclopédia* da qual reproduzimos alguns extratos que permitem ver os encadeamentos.

NEGRO [NÈGRE], s.m. (Hist. Nat.) homem que habita diferentes partes da terra. Desde o trópico de câncer até o de capricórnio da África só há habitantes negros [noirs]. Não somente sua cor os distingue mas eles diferem dos outros homens por todos os traços de seu rosto, nariz largo e chato, lábios grossos, e lã ao invés de cabelos, parecem constituir uma nova espécie de homem.

Se nos distanciamos do equador para o pólo antártico, o negro [noir] clareia mas a feiúra permanece: encontramos esse povo horrível que habita a ponta meridional da África.

Distanciando-se do equador, a cor dos povos clareia por nuances; ela é ainda marron para além do Trópico, e só a encontramos completamente branca quando avançamos pela zona temperada. É nas extremidades dessa zona que se encontram os povos brancos. A dinamarquesa com cabelos loiros encanta com sua brancura o viajante espantado: não poderia crer que o objeto que ele vê e a Africana que ele acabou de ver são duas mulheres.

Mais longe ainda em direção ao norte e até na zona gelada nessa região em que o sol não se digna clarear no inverno onde a terra é mais dura do que o arado e não tem nenhuma das produções dos outros países; nesses climas horríveis encontramos tês de lis e de rosas. Ricos países do sul, terras do Peru e de Potosí, formais o ouro em vossas minas, eu não irei tirá-lo de modo algum; Golconda, filtrai o suco precioso que forma os diamantes e os rubis, eles não embelezarão vossas mulheres e são inúteis para as nossas. Pois não servem senão para marcar todos os anos o peso e o valor de um monarca imbecil que, enquanto ele estiver nesta ridícula balança, perde seus estados e sua liberdade.

Mas nessas regiões extremas em que tudo é branco e onde tudo é [noir], não há excessiva uniformidade, e a mistura não produziria novas beldades? É à margem do Sena que encontramos esta feliz variedade nos jardins do Louvre; num belo dia de verão vós vereis tudo o que a terra pode produzir de maravilhoso....

Negros [Nègres] Brancos (Hist. Nat.) Os viajantes que estiveram na África falam de uma espécie de negros [nègres] que, ainda que nascidos de pais negros, não deixam de ser brancos como os Europeus e de conservar esta cor durante toda sua vida.

Aguns acreditaram que os negros [nègres] brancos vieram do comércio monstruoso dos grandes macacos do país com as negras [nègresses]; mas este sentimento não parece provável, visto que se assegura que este negros [nègres] brancos são capazes de se propagar.

Seja o que fôr, parece que não conhecemos todas as variedades e as esquisitices da natureza; talvez o interior da África, tão pouco conhecido dos Europeus, guarde povos numerosos de uma espécie inteiramente ignorada por nós.

Pretende-se que se encontram de modo semelhante negros [nègres] brancos nas diferentes partes das Índias orientais, na ilha de Borneo e na Nova Guiné. Há alguns anos mostrava-se em Paris um negro [nègre] branco que verossimilmente era da espécie de que acabamos de falar. Veja *The modern part of an Universal History*, vol. XVI, p. 293 da edição in-8. Um homem digno de fé viu em 1740 em Cartago na América um negro [nègre] e uma negra [nègresse] cujas crianças eram brancas, como estes que acabamos de descrever, com exceção de um único que era negro [noir] e branco no pico; os jesuítas que eram seus proprietários o destinavam à rainha da Espanha.

Negros [Nègres] (Comércio) Os Europeus fazem há alguns séculos comércio desses negros [nègres] que eles tiram da Guiné e das outras costas da África para sustentar as colônias que eles estabeleceram em vários

lugares da América e nas Ilhas Antilhas. Procura-se justificar o que esse comércio tem de odioso e de contrário ao direito natural dizendo que os escravos encontram comumente a salvação de suas almas na perda de sua liberdade; [aqui é intercalado o texto de Savary].

Negros [Nègres], considerados como escravos nas colônias da América. O excessivo calor da zona tórrida, a mudança de alimentação e a fraqueza de temperamento dos homens brancos não lhes permite resistir nesse clima de trabalhos peníveis, as terras da América, ocupadas por Europeus, seriam ainda incultas, sem o socorro dos negros [nègres] que aí fizeram-se passar de todas as partes da Guiné. Esses homens negros [noirs], nascidos vigorosos e acostumados a uma alimentação grosseira encontram na América uma brandura que lhes torna a vida animal bem melhor que em seus países. Essa mudança para melhor os coloca em estado de resistir ao trabalho e de multiplicá-lo abundantemente.

De todos esses diferentes escravos, os de Cabo Verde ou Senegaleses são olhados como os mais belos de toda a África. São grandes, bem constituídos, tendo a pele unida sem nenhuma marca artificial.

O lado de Angola, os reinos de Loange e do Congo fornecem abundantemente negros [nègres] muito bonitos, passavelmente negros [noirs], sem nenhuma marca na pele. Os Congos em geral são muito brincalhões, barulhentos, fazedores de mímica, copiando alegremente seus camaradas, e imitando muito bem o jeito e os gritos dos diferentes animais. Um só Congo é suficiente para colocar em bom humor todos os negros [nègres] de uma habitação. Sua inclinação para os prazeres os torna pouco próprios para as ocupações laboriosas, sendo aliás preguiçosos, mentirosos e muito dados a gulodices; qualidade que lhes dá muita disposição para aprender facilmente os detalhes da cozinha. Os empregamos no serviço de casa, sendo comumente uma figura agradável.

Os menos estimados de todos esses negros [nègres] são os Bambaras; sua falta de asseio, assim como os vários talhos que eles fazem transversalmente sobre as faces desde o nariz até as orelhas os tornam hediondos. São preguiçosos, bêbados, gulosos e grandes ladrões.

Faz-se muito pouco caso dos negros [nègres] Mandíngues, Congres e Mondongues. Estes têm dentes limados em pontas e passam por antropófagos entre os outros povos.

Não é possível, neste artigo, detalhar as nações dos Calbaris, dos Caplabons, dos Anans, dos Tiambas, dos Poulards e muitos outros que habitam mais longe nas terras o que torna seu tráfico difícil e pouco abundante.

Caráter dos negros [nègres] em geral. Se por acaso encontramos pessoas honestas entre os negros [nègres] da Guiné, (o maior número é sempre vicioso). Eles têm na maior parte inclinação para a libertinagem, para a vingança, o roubo e a mentira. Sua opiniosidade é tal que eles não confessam jamais suas faltas não importa que castigo lhes inflijamos; até mesmo o medo da morte não os comove. Apesar dessa espécie de firmeza, sua bravura natural não os garante contra o medo dos feiticeiros e dos espíritos que eles chamam "zambys".

Os defeitos dos negros [nègres] não são tão universalmente estendidos que não se encontrem sujeitos muito bons; vários habitantes possuem famílias inteiras compostas de pessoas muito honestas, muito ligadas aos seus senhores, e cuja conduta faria vergonha a muitos brancos...

De um ponto de vista lexicográfico, este artigo com suas quatro entradas (uma principal, três secundárias) parece fundado em uma organização homonímica (cf. o Trévoux), isto

é, sobre uma distinção entre os próprios signos, o que parece corroborado pela distinção do singular e do plural entre a primeira entrada e as outras. De fato não é assim: só há uma definição, a da primeira parte "Homem...", a segunda é um comentário sobre uma espécie particular desses homens, a terceira é o texto de Savary, cuja ligação com o texto precedente é fortemente assegurada por "fazem comércio com *estes* negros", e a quarta é uma espécie de duplicata de Savary no que concerne o tráfico. Ela compreende uma parte bem mais detalhada sobre os diferentes tipos de escravo, seus trabalhos, e termina pela reprodução do código negro [noir].

Há pois um só conteúdo, considerado sob vários aspectos, como o indica aliás o conteúdo dos parênteses que acompanham as entradas: (Hist. Nat.), (comércio), (considerados como escravos). É o mesmo que dizer que nos encontramos já por esta injunção discursiva em presença de uma fusão assumida dos semas do conteúdo e não de uma problemática da ligação de diferentes semas.

Ora, isto parece contradizer dois elementos importantes do artigo: de um lado, o aparecimento de um termo novo: "Homem", na cabeça da definição "homem que habita diferentes partes da terra", e de outro lado a marca de rejeição que se introduz na apresentação do texto de justificativa de Savary: "procura-se justificar o que esse comércio tem de odioso e de contrário ao direito natural dizendo que...". As palavras são fortes, o raciocínio que segue não é assumido, o tráfico que transforma em escravos esses "homens", esses "povos", essas "nações" de que fala todo o texto é pois posto em questão.

Certamente, mas esta retomada da questão é anulada ao mesmo tempo em que é formulada, pela utilização que é feita do elemento "homem" e do elemento "povo".

A primeira parte, com efeito, define bem "Negro" [Nègre] por "homem" mas não é para invocar a seu propósito o "direito natural"; além disso, se o termo é retomado nas linhas seguintes por "habitantes negros", não é tampouco para encadear sobre os povos da África: o que é descrito é o Negro [Nègre], na melhor das hipóteses, como curiosidade, ou na pior, como monstro ou ao menos como no limite do humano: "eles diferem dos outros homens...", "parecem constituir uma nova espécie de homens".

A partir desse primeiro parágrafo, o discurso se desenvolve em duas direções: a esquisitice da cor faz do Negro [Nègre] uma espécie de pretexto para um longo desenvolvimento (que não é reproduzido aqui) sobre a origem das diversidades raciais e sobre a genética e um impulso na descrição das diferentes raças (cf. "o negro [noir]

clareia mas sua feiúra permanece”, “esses povos horríveis...”, etc.). Em outras palavras, o Negro [Nègre] é esquecido ou depreciado: tudo se passa como se a introdução do elemento “homem” servisse só para colocar um dos problemas da raça humana em geral ou para afirmar a excelência de uma raça em particular: a nossa (cf. o Louvre e suas maravilhas...). A segunda parte (“os negros [nègres] brancos”) é só uma especialização da primeira: a monstrosidade aí é aliás descrita em termos de animalidade (cf. os grandes macacos e as negras [nègresses], os jesuítas proprietários etc.).

Não há pois nenhuma ligação entre um sema /homem/ e uma sema /povo/ e, em compensação, é muito fácil estabelecer, depois dessas duas partes, uma ligação estreita e sem problemas entre o sema /homem/ e o sema /escravo/. É assim que o encadeamento com a terceira parte (o texto de Savary) se opera sem empecilhos: como poder-se-ia ficar chocado com o comércio que é feito dos Negros [Nègres] depois do que acabou de ser dito? Assim, vemos jogar em sentido contrário a não assunção do texto de Savary e a inserção desse texto no resto do artigo da Enciclopédia, sobretudo se pensamos que a própria definição do texto do dicionário de comércio “povos da África” não aparece.

Para onde foram pois os povos? Curiosamente, é na última parte que eles são descritos, isto é, onde os Negros [Nègres] são considerados “como escravos das colônias da América”. A tipologia desses povos é extremamente precisa, como o é sua finalidade: os Negros [Nègres] são descritos em função de sua origem, qualidades e defeitos físicos e morais, por ordem de interesse decrescente, partindo dos que se conseguem mais facilmente, que são os mais dóceis e os mais fortes, até aqueles que são “grandes ladrões”...ou cujo “tráfico (é) difícil e pouco abundante”, passando por diferentes graus cuja descrição tem como caráter comum o emprego de um discurso racista elementar que se encontra com o da primeira parte. Essa passagem assegura a ligação /povo/ /escravo/ de uma maneira muito forte, ao mesmo tempo que completa, redobrando-o, o texto de Savary, ao qual traz justificativas suplementares, como “as branduras” que encontram os Negros [Nègres] na América e que torna melhor “a vida animal” etc.

Vemos por aí que este longo texto contém ao mesmo tempo todas as palavras que provocam indignação em face do tráfico e uma organização discursiva que admite este tráfico: encontramos-nos face a diferentes pontos de vista dados sobre uma mesma coisa, que é ao mesmo tempo homem e povo, objeto de comércio e força de trabalho, e isto através dos processos de cópia, separações e sínteses. Enquanto, em outros textos, povo

era confrontado a escravo, o Negro [Nègre] saía ao mesmo tempo acusado e lastimado: aqui, quando o definimos por “homem”, ele se torna, além disso, um monstro.¹¹

3.4 Onde os modelos se amalgamam e o branco se torna sombrio

Negros [Nègres], palavra que os Franceses emprestaram dos Portugueses, que dizem Negro [Noir], e que chamam com este nome os povos desta cor, que habitam a Nigritie, a Alta e Baixa Guiné, a Abissínia e outros países vizinhos. Alguns chamaram muito impropriamente País dos Negros [Nègres], o país que está dos dois lados do Níger e cujo nome verdadeiro é Nigritie; mas não fizeram a reflexão de que este nome convém geralmente a todos os países que são habitados por estes povos; que a palavra Negro [Nègre] não vem de Níger nome próprio deste rio, mas dos Portugueses, que nestes últimos séculos foram os primeiros a descobrir as Costas Ocidentais da África e transportado os Habitantes que eles empregaram, seja na Europa seja em outro lugar, para todos os trabalhos servis; assim sob o nome de Negros [Nègres] compreendem-se muitas espécies, um grande número de Nações diferentes que, para a vergonha do Hênero-humano entram no número de Mercadorias, se trafica tanto em seu próprio País quanto em outros. Os Europeus desde alguns séculos fazem comércio desses infelizes Escravos, que eles tiram da Guiné e das outras costas da África, para sustentar as Colônias que estabeleceram em várias Colônias da América.

É difícil justificar o Comércio de Negros [Nègres]: entretanto, como o observa Savary (Dict. Universel du Commerce), esses Escravos encontram comumente sua salvação na perda de sua liberdade, a razão da Instrução Cristã que lhes é dada, junto à necessidade que se tem deles para a cultura do Açúcar, do Tabaco, do Indigo etc. adoçam o que parece inhumano em um negócio, em que homens são mercadores de outros homens, e os compram como animais para cultivar suas Terras. (1736 Bruzen de la Martinière, *Le Grand Dictionnaire géographique et critique*).

A seqüência do artigo é uma cópia do de Savary. As edições de 1741 e 1768 apresentam o mesmo texto a não ser pelo parágrafo sobre a justificativa do comércio dos Negros [Nègres] que desaparece na última edição.

1. A introdução de um parágrafo etimológico é extremamente importante. Ela acusa o Branco, e especialmente o Português, inventor da palavra (“os Franceses emprestaram dos Portugueses”, “a palavra Negro [Nègre] não vem de Níger mas dos Portugueses...”)

e a coisa (“os Portugueses... foram os primeiros a descobrir... e transportar”).

2. Esta acusação é reforçada pela voz ativa “Europeus fazem o comércio”, “eles tiram, que eles estabeleceram”; pelos pejorativos (“a vergonha do gênero humano, tráfico”); pela colocação em evidência da antinomia Nações/escravos. E enfim, a escravidão é condenada (“infelizes”).

¹¹ Observaremos que a entrada “Tráfico de negros [nègres]” é muito rigorosamente antiescravagista.

3. Os substitutos de Negros [Nègres] designam como homens: “povos”, “povos desta cor”, “Habitantes”, “Nações”.

Mas a acusação dos Europeus é enfraquecida, nesse mesmo parágrafo pelo segmento de frase “tráfica-se tanto em seu próprio País que em outros”, colocando-se o Negro [Noir] no mesmo lugar que os Brancos. Sobretudo a seqüência do artigo que reproduz Savary (justificativa, produção dos escravos pelos próprios Negros [Nègres] etc.) a má consciência do primeiro parágrafo é anulada pelos desenvolvimentos posteriores.

A edição do Trévoux de 1771 introduz, por sua vez, uma condenação da escravidão com uma ambigüidade que friza a contradição. As entradas das edições precedentes são conservadas, em sua ordem inicial, com todos os procedimentos que carregam sobre o Negro [Noir] e desculpam o Branco (ver acima). Mas juntam a passagem seguinte:

Emprestamos esta palavra dos Portugueses, que dizem *Negro, Negro (Noir)*, e chamam com este nome todos os povos dessa cor que habitam a Nigritie, a alta e baixa Guiné, a Abissínia e outros países vizinhos. É impropriamente que chamamos país dos Negros [Nègres] o país que está entre as duas margens do Niger cujo verdadeiro nome é Nigritie. Este nome convém a todos os países que são habitados por essas pessoas negras [noirs] e a palavra Negro [Nègre] não vem de Niger, nome do Rio, mas dos Portugueses, que foram os primeiros a descobrirem as costas ocidentais da África, e transportarem os habitantes, como escravos, para empregá-los, seja na Europa ou em outro lugar, para qualquer trabalho servil. Assim, sob o nome de *Negros* [Nègres] compreende-se como espécies todas essas nações infelizes que, para a vergonha do gênero humano, entram no número de mercadorias que se traficam. Este comércio se faz por todas as nações que têm estabelecimentos na América e compram-se e vendem-se esses infelizes escravos como animais para cultivar as colônias. (1771 Trévoux, *Dictionnaire universel*)

Esta adição às entradas precedentes faz intervir mudanças essenciais. Nas marcas de enunciação, inicialmente: o *se* da primeira entrada dá lugar a um sujeito nomeado: tratam-se dos Portugueses, inventores como em Bruzen de la Martinière, da coisa e da palavra Negro [Nègre]. A acusação levada pela etimologia é reforçada em seguida da mesma maneira que no dicionário de Bruzen de la Martinière menos a menção aos Europeus, substituídas aqui por *se*, mas com a antinomia escravos/animais.

Na primeira entrada do Trévoux, uma série de predicados negativos alinham os Negros [Noirs] na animalidade. No texto acrescido, os sintagmas nominais equivalentes de Negro [Nègre] são: “povos negros [noirs], povos desta cor, Habitantes, nações infelizes, infelizes escravos”. Toda a série – faz também que a África seja apresentada como um conjunto de países habitados e não mais como simples costa – coloca o Negro [Nègre] na categoria

de humano. Tem-se um gênero humano, dividido em espécies, que são igualmente nações, sendo, algumas, vítimas e, as outras, carrascos: a brutalidade não está mais onde se situava inicialmente, a negrura mudou de campo.

Comparada ao texto de Bruzen de la Martinière, de que ele é muito próximo, este parágrafo acusa mais claramente os Brancos: a passagem “tanto em seus próprios países que em outros”, que equilibrava a carga entre Brancos e Negros [Noirs] é suprimida. Ao contrário, uma incisa se junta, “transporta os Habitantes como escravos”, pela qual o sema escravo é incluído no sema povo.

Mutação fundamental, certamente, mas cujo alcance é singularmente limitado pelo mundo de fabricação dos dicionários que espremem as informações e as copiam até a incoerência.

3.5 Polissemia e clareza. Onde o branco é negro [noir]

Negro [Négre], s.m. Palavra tirada do latim Niger que significa negro [noir]. O uso fez dar esse nome, em geral, a todas as criaturas humanas que têm a pele negra [noir]; mas se o dá particularmente àqueles infelizes habitantes de diversas partes da África que os Europeus compram para os serviços de suas colônias. Os Físicos fizeram grandes pesquisas sobre a origem da negritude em um grande número de Nações. (1750 manual lexical ou dicionário portátil das palavras francesas cuja significação não é familiar a todo mundo. Sem nome do autor mas trazendo a menção manuscrita “pelo abade Prevost d’Exiles”. 1755 Nova edição. Mesmo texto).

Este texto está em ruptura com todos os outros, a Enciclopédia inclusive. Com efeito, não apresenta nenhuma ambigüidade, nenhuma contradição, seja na técnica lexicográfica, ou na marca de enunciação: a escravidão é condenada ao mesmo tempo pela palavra “infelizes” e pela organização da definição:

1. Os Negros [Nègres] são homens, habitantes, (membros de uma) Nação. A palavra escravo não é empregada.

2. Os responsáveis do tráfico são nomeados, e ao mesmo tempo acusados: sujeitos de uma frase ativa, os Europeus são ao mesmo tempo designados como compradores e empregadores.

3. É o único texto onde vemos o emprego coerente de uma metalíngua de signo que mostra a remissão de um signo a vários conteúdos ligados, mas não idênticos: nem homonímia, nem sinonímia, mas verdadeira polissemia assumida entre o signo e seus

conteúdos, que estão em relação de inclusão: os Negros [Nègres] são homens e povos; e os Europeus compram certos desses homens.

4. Ora, o que parece uma definição simples não se encontra em nenhum outro lugar (salvo justamente fora dos dicionários, quando encontramos em Montesquieu, por exemplo, “o direito de... tornar os negros [nègres] escravos”); ela põe com efeito de uma maneira não equívoca logo insuportável os negros [nègres] como homens e os Europeus como fazedores de escravos.

Conclusões

1. Entre os dicionários que analisamos, dois conjuntos se destacam: o dos artigos que se prendem a um conteúdo monossêmico: ou o Negro [Nègre] é um escravo ou os Negros [Nègres] são povos e o de todos os outros artigos nos quais, através de formas extremamente variadas, o povo, o escravo – e, em certos artigos, o homem – se encontram e assumem a cada papel sua negrura.

Colocado de lado um texto (o do Dictionnaire do abade Prévost) que utiliza ao mesmo tempo uma metalíngua de signo muito clara e uma marca de enunciação não ambígua para colocar o problema do tráfico em função da responsabilidade européia, todos os textos do segundo grupo apresentam ambigüidades e contradições diversas, correspondentes a tendências contrárias: mostrar e esconder, deplorar e justificar, que pode-se resumir em dois níveis intrincados:

No plano da técnica lexicográfica, temos em todos os casos uma pluralidade de semas, mas a problemática de sua ligação é anulada, graças a um jogo entre signo e conteúdo: ou o signo remete a um só conteúdo ou os semas são fusionados e nomeados por sinônimos (o Negro [Nègre] = povo = escravo), ou, ao contrário, o signo explode em vários signos remetendo cada um deles a um conteúdo perfeitamente isolado e é a homonímia. (Negro1 [Nègre] = povo = Negro2 [Nègre] = escravo). Nos dois casos os modelos podem ser refinados por empregos apropriados de uma metalíngua de signo e/ou de uma metalíngua de conteúdo, e se complicar por fonemas de cópia e as técnicas de inserção de fragmentos, de redução de textos etc.

No plano das marcas de enunciação, constata-se a intrusão “oficial” do polêmico no didático no seio do dicionário – duas forças jogam igualmente em sentido contrário: a escravidão em geral é deplorada; “vergonha do gênero humano”, “infelizes” etc., mas

toda espécie de justificativa aparece – cuja forma depende do modelo lexicográfico em vigor; entretanto elas se ligam, a grosso modo, ao apagamento de Europeus e à repartição de cada sema definido em dois grupos de valores contrários. O que permite lastimar e censurar, identificar-se e rejeitar etc. é desta maneira que os povos são repartidos em ferozes/ civilizados, os homens em representantes do gênero humano/monstros, os indivíduos em perseguidores/perseguidos, os escravos em voluntários/involuntários, em submissos/intratáveis etc. sendo que o leitor é assim sempre juiz e jamais parte do tráfico descrito por essa mensagem embaralhada em que o jogo consiste em evitar a todo preço a frase de base; “os Negros [Nègres] são povos e os Negros [Nègres] são homens, e os Europeus fazem deles escravos”.

2. Em todos esses textos, marcas de enunciação e técnica lexicográfica concorrem de maneira extremamente ligada ao sucesso do empreendimento do embaralhamento. Em outras palavras, é difícil separar aqui técnica e ideologia: tudo se passa como se, no interior do discurso didático, se desenrolasse um combate entre dois discursos polêmicos, o primeiro, aberto e referível (antiescravagista) e vencido pelo outro (ocultação e justificação), enquanto tem a seu serviço todo um aparelho técnico pretensamente neutro. De algum modo, seria graças ao seu didatismo que o dicionário tiraria sua maior força polêmica.

3. A imagem do Negro [Nègre], confusa mas obsedante, que se destaca do conjunto de textos, é a de uma criatura útil (escravo), miserável (povo, indivíduo, escravo), mau (idem), e monstruoso (homem negro [noir]). O que é corroborado pelo cálculo de frequência dos qualificativos de negro [nègre].¹² *Como povo, os Negros [Nègres] são maus:* eles são negros [noirs], ou de tez ou pele negra [noir](22 ocorrências); ferozes (8); ignorantes (6); covardes (6); preguiçosos (6); pagãos (6); brutos (2). Na Enciclopédia, eles são até mesmo “embaraçantes”, mas menos que os homens com rabos.¹³

¹² 25 entradas continham qualificativos. Nós não reproduzimos aqui aqueles, inumeráveis mas isolados, que aparecem na tipologia dos escravos da *Enciclopédia*.

¹³ “Se percorrêssemos todas essas Ilhas encontraríamos talvez habitantes bem mais embaraçosos para nós que os negros [noirs], aos quais teríamos muita dificuldade em recusar ou a conceder o nome de homens. Os habitantes das florestas de Bornéu de que falam alguns viajantes tão parecidos aliás com homens são menos pensados por terem rabos como os macacos?”

Enfim, em sete dicionários, os pais são infelizes porque vendidos por seus filhos. Duas qualidades a se ressaltar: são robustos ou vigorosos (7 ocorrências) e alguns são civilizados, pelos Portugueses (2).

O Negro [Nègre] é igualmente escravo na África: da fome, de seus reis, de seus congêneres. Logo o *Branco é, no sentido próprio e no figurado, redentor*.

Como escravos, os Negros [Nègres] são maus: eles são negros [noirs] (11 ocorrências), infelizes (11), miseráveis (18). Mas ao mesmo tempo, “eles são de um natural duro” (8), “intratável” (7), “e incapazes de se ganhar pela doçura” (7). É verdade que um castigo moderado os torna flexíveis” (7).

A indicação de qualidades – “os mais belos”, os “melhores”, 9 e 8 ocorrências – está associada a Negro [Nègre] como mercadoria, e seguido de uma indicação de preço. Uma vez mais, *as relações entre Brancos e Negros [Noirs] são expressas em termos de compra*.

4. As observações autorizadas pela leitura dos dicionários são validadas pela enquete conduzida em uma outra escala, e sobre um material mais rico de outro modo, por Michèle Duchet. Resumiremos com uma palavra: se o escravo dá pena, o Africano fica mal conhecido ao longo do século XVIII.

Mas a força da inércia dos dicionários é ainda maior. O estereótipo composto continua a se transmitir através dos séculos: desde que o problema da transformação do homem em escravo ou o da responsabilidade dos Europeus arriscam de serem postos sob uma nova luz novas fórmulas de ocultação aparecem. Enquanto correntes antiescravagistas se expressam em outros lugares glorificando claramente a mestiçagem como processo de liberação do Negro [Nègre],¹⁴ os dicionários negligenciam este tema e se contentam em reproduzir a evocação que fornecia disto Savary desde 1723.

5. A coerção da ideologia dominante pesa pois pesadamente sobre os dicionários através dos modelos diversos, que aparecem nos casos de “Negro” [Nègre] como estruturas superficiais. Não é indiferente notar que o texto que se opõe a ela sem ambigüidade (o do abade Prevost) tira sua força polêmica da transparência de seu discurso (didatismo de acordo com a univocidade de sua enunciação), oposta à opacidade do discurso dos outros textos; além disso, essa oposição é reforçada por outra, a diferença no grau de

¹⁴ Sobre este ponto ver Duchet, 1971, p. 160 e seguintes.

distância: o texto do abade Prévost é assumido com efeito muito mais diretamente do que os artigos; no prefácio, o autor apresenta sua obra (na origem, uma tradução) como uma seqüência de reflexões pessoais sobre sujeitos que o interessam particularmente. Assim a oposição é: Distância (+), opacidade-vs-Distância (-), transparência. Este dicionário constitui pois uma exceção que confirma a regra seguida pelos outros.

A força desta ideologia no nível dos dicionários se manifesta igualmente com clareza se se reporta ao texto famoso de Montesquieu sobre a escravidão:

Se eu tivesse que sustentar o direito que nós tivemos em tornar os negros [nègres] escravos, eis o que eu diria:

Os povos da Europa, tendo exterminado os da América, tiveram que colocar na escravidão os da África para se servirem deles para cultivarem tantas terras.

O açúcar seria mais caro, se não fizéssemos trabalhar, pelos escravos, a planta que o produz.

Os de que se trata são negros [noirs] dos pés à cabeça; e eles têm o nariz tão amassado que é quase impossível lastimá-los.

Não podemos nos meter na cabeça que Deus, que é um ser sábio, tenha posto uma alma, sobretudo uma boa alma, em um corpo todo negro [noir]...

Uma prova de que os negros [noirs] não têm senso comum é que eles se importam mais com um colar de vidro do que com um de ouro, o que, nas nações polidas, é de uma conseqüência enorme.

É impossível que nós suponhamos que estas pessoas sejam homens; porque se os supuséssemos homens, começaríamos a crer que não somos, nós mesmos, cristãos... (*De l'esprit des lois*, l. XV, cap. V).

Este texto diz a mesma coisa que o de Prévost sobre um ponto essencial: mostrar a transformação dos Negros [Nègres] em escravos pelos Europeus; mas é um puro discurso polêmico, isto é, perfeitamente assumido e perfeitamente opaco (ironia). Ora, com o pedagogismo colocando fogo em qualquer lenha, encontramos um *Dictionnaire Portatif de Commerce*, de 1762, em que o artigo Negro [Nègre] (que é uma redução do texto de Savary) contem isto: "É difícil justificar perfeitamente o comércio dos Negros [Nègres]; mas temos necessidade deles imperiosamente para o cultivo do açúcar, do tabaco, do indigo etc. O açúcar, diz M. de Montesquieu, seria muito caro se não fizéssemos trabalhar a planta que o produz pelos escravos." É o mesmo que dizer que a não-distância foi utilizada (citação) e que a opacidade foi lida como transparência.¹⁵ Pode-se pois colocar um certo número de questões sobre a eficácia polêmica dos escritos polêmicos, e se

¹⁵A mesma coisa na edição de 1760 de Savary.

perguntar se não é justamente sua escrita que paradoxalmente permite sua recuperação em um discurso contrário (aqui o discurso pedagógico da ideologia dominante). Vemos por estes exemplos em todo caso que a análise dos discursos demanda um estudo muito cerrado ao mesmo tempo dos elementos estruturais os mais técnicos da organização do texto, da intertextualidade, e dos códigos de escrita e de leitura nos quais estão inscritos.

6. Notemos brevemente, para terminar, o interesse que tivemos em ir, nestas análises de discurso, não somente da lingüística para a história (as análises dos textos servindo para esclarecer representações ideológicas, verificar intuições, estabelecer hipóteses que formulamos sobre os documentos etc.) mas também da história para a lingüística: são, com efeito, problemas de ordem ideológica que nos levaram a compreender certos fenômenos de ordem aparentemente técnica nesses enunciados lexicográficos. Trabalhando em todos os dicionários sobre artigos que concernem outros termos, pudemos verificar em particular que a organização dos artigos, não mais do que as incoerências e ambigüidades que estes contêm, não poderiam ser colocados por conta somente da pura coerção de um modelo de fabricação, não mais do que atribuídos unicamente à incúria dos redatores: ao contrário, são as forças ideológicas que são as verdadeiras coerções mas com todas as mediações técnicas imagináveis. E aqui, que outra linha de força comandaria a aparente diversidade dos artigos da quase totalidade dos dicionários senão da habilidade de se dividir em dois, na *Encyclopédia*, isto é: “A Humanidade e o interesse dos particulares.”

Tradução: Eni P. Orlandi

Résumé

Cet article, en analysant le mot “nègre” dans les dictionnaires de l’Ancient Règime (XVI-XVIII^e siècles), envisage de montrer la constitution de l’ethnocentrisme européen au moment des grandes “découvertes” et de la domination des autres peuples par les européens. Dans ce but, les auteurs pratiquent une analyse des énoncés et des marques d’énonciation en prenant les dictionnaires comme autant des discours.

Referências Bibliográficas

- Coquery, Catherine. (1965). *La découverte de l'Afrique*. Paris, Julliard.
- Deschamps, H. (1971). *Histoire de la traite des noirs de l'antiquité à nos jours*. Paris, Fayard.
- Dubois, J. (1970). "Dictionnaire et discours didactique." *Langages*, 19. Setembro de 1970, pp. 35-47.
- Dubois, J. e C. (1971). *Introduction à la lexicographie; le dictionnaire*. Paris, Larousse.
- Duchet, Michèle. (1971). *Anthropologie et histoire au siècle des Lumières*. Paris, Maspéro.
- Febvre, Lucien e Martin, H. J. (1958). *L'apparition du Livre*. Paris, A.Michel.
- Gaston-Martin. (1948). *Histoire de l'esclavage dans les colonies françaises*. Paris, P.U.F.
- _____. *Livre et société dans la France du XVIIIème siècle*. Paris, La Haye, 2 vol., 1965 e 1970.
- Martin, H. J. (1969). *Livre, pouvoir et société à Paris au XVIème siècle (1598-1701)*. Genève, 2 vol.
- Rey-Debove, J. (1970). "Le domaine du dictionnaire." *Langages*, 19. Setembro de 1970, pp. 3-34.
- _____. (1971). *Etude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. Mouton.